

CATARINA DE QUEIROZ LAVEZZO

"AS FESTAS DO IMPÉRIO":  
A ORGANIZAÇÃO DA CIDADE PARA OS DIAS FESTIVOS

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2003.

CATARINA DE QUEIROZ LAVEZZO

"AS FESTAS DO IMPÉRIO":  
A ORGANIZAÇÃO DA CIDADE PARA OS DIAS FESTIVOS

Monografia apresentada ao Curso de História da  
Universidade Federal de Ouro Preto como parte  
Dos requisitos para a obtenção do grau de  
Bacharel em História.  
Orientadora: Profa. Patrícia Vargas Lopes de Araujo.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2003.

## AGRADECIMENTOS

Esta monografia de forma alguma teria sido concluída sem a participação de algumas pessoas: professores, alunos, amigos e colegas do ICHS, que sempre estiveram presentes no caminhar desse meu trabalho, me orientando informalmente, fazendo críticas e recomendando-me ótimas leituras.

À Patrícia Vargas não tenho palavras para agradecer minha imensa gratidão por ter aceitado me orientar nesse trabalho; pelo esforço em tornar minhas idéias e textos mais refinados; pela extrema generosidade no empréstimo de livros, artigos e xerox, sempre os fazendo com imensa boa vontade; pelo seu conhecimento formidável, apresentou valiosas sugestões para o enriquecimento desse trabalho; pela sua amizade, entendendo meus limites, minhas dificuldades e empecilhos que surgiram no desenrolar desse trabalho; sem dúvida sua participação foi essencial, se não a razão da conclusão desta monografia.

- Marina de Ailla e Anissa
- Fátima Irus Kambor.

## Resumo

Monografia de Bacharelado em História Cultural que procura analisar a forma de como as cidades imperiais se organizavam diante do universo festivo. A produção historiográfica acerca das manifestações festivas têm recebido grande atenção por parte dos historiadores, e tornando a festa instrumento precioso de investigação do universo social e cultural da sociedade. O objetivo dessa monografia é refletir sobre os múltiplos significados e sentidos que a festa possui no viver social das cidades imperiais, bem como as mesmas se mobilizavam e se organizavam diante desses acontecimentos ao longo do século XIX.

## SUMÁRIO

Introdução.....	06
1. A cidade se organiza para as festas.....	10
2. O significado da festa.....	28
2.1 Festas cívicas.....	34
2.2 Festas religiosas.....	37
2.3 Festas profanas.....	41
3. Considerações Finais.....	44
4. Referências Bibliográficas.....	46

## Introdução

O deslocar do olhar do historiador para as experiências culturais e, neste sentido, o interesse que o estudo da história cultural ganhou, permitiu reconhecer a riqueza do estudo das experiências culturais, no interior da qual se insere a reflexão sobre a festa, bem como a crescente importância no conjunto da produção historiográfica das últimas décadas, de modo a se situar hoje como uma tendência de peso desta produção.

A despeito das polêmicas e das incertezas teórico-metodológicas, que animaram por alguns anos o debate historiográfico, os estudos de história cultural possibilitaram os historiadores a refletirem e se interrogarem sobre os diferentes significados do social, expressos tanto em discursos quanto nos comportamentos.

A história cultural, no entanto, não deve ser encarada meramente como um modismo passageiro ou estudo de questões "pouco sérias" para a historiografia, mas como a possibilidade de resgate de manifestações e experiências culturais e uma interrogação acerca das realidades sociais que são desconstruídas e reconstruídas por cada grupo social.

Dentre os múltiplos temas que o campo da história cultural "abriu", vê-se a algumas décadas, a grande atenção que as manifestações festivas têm recebido por parte dos historiadores de um modo geral'. Na produção da historiografia brasileira, vários pesquisadores vêm se dedicando ao estudo deste tema. As festas tornaram-se instrumentos preciosos para a interrogação dos múltiplos significados do viver social.

Neste sentido podemos destacar o crescente número de estudos sobre manifestações festivas ocorridas no Brasil em diferentes momentos históricos. Entre vários estudiosos

---

<sup>1</sup> BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, 1987; HEERS, Jacques. *Festas de loucos e Carnavais*, 1987; BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna*. 1989; DAVIS, Natalie. *Culturas do povo*, 1990; OZOUF, Mona. "A festa sob a Revolução Francesa", In: LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*, 1990.

poderíamos destacar: Maria Clementina Pereira Cunha, "*Você me conhece?*" — Significados do carnaval na belle époque carioca (1996) e também "Veneza, África, Babel: leituras republicanas, tradições coloniais e imagens do carnaval carioca" (2000); Martha Abreu, *O Império do Divino* — Festas Religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900 (1999); Lilia Schwarcz, "O império das festas e as festas do império", contido no livro "*As Brabas do Imperador*" (1998). Cada um desses autores contribui para tomar as festas instrumento precioso de investigação do universo social e cultural da sociedade imperial brasileira, e constituíram-se em significativo apoio para este estudo.

Baseando-se nessa produção historiográfica acerca do universo festivo, procuremos neste estudo em particular, fazer uma discussão que compreenda a festa a partir da noção de "evento". Para responder de forma concreta estes novos desígnios, nosso primeiro passo é analisar o conceito da palavra "festa"; as teorias que a cercam e a designam; o significado que as festas representam em determinadas ocasiões; seu significado no tempo para a população que presenciava e participava desse universo onírico. Buscaremos analisar o significado das festas, ao mesmo tempo, como se procedia sua organização e qual importância do processo de criação e da realização festiva para a população.

Entender e analisar a festa em si, como um acontecimento vivido por uma coletividade, compreendendo que nesses eventos se encerram vários significados e que tem uma abundância de sentidos. O significado que ela mantém com as circunstâncias. O ritual e a sua simbologia, mesmo que desprovidos de uma regulamentação, têm muito a dizer aos historiadores, que deixam de apenas narrar essas festas para buscar compreender os comportamentos a elas ligados, as representações coletivas que elas encerram e a sua ressonância social. À festa, nessa abordagem, compreendida como um evento, passa a ser

vista como um momento em que "um grupo ou coletividade projeta simbolicamente sua representação de mundo"<sup>2</sup>.

Desta maneira, procuraremos no primeiro capítulo discutir a importância que o evento "festa" possui no espaço das cidades e como as mesmas se organizavam diante desse imenso universo que é a festa. Para verificarmos como as cidades se organizavam diante do universo festivo analisaremos a sua população com suas clivagens sociais e algumas instituições como a Câmara, a Igreja e o policiamento feito sobre as festas.

Já no segundo capítulo, o objetivo será analisar as diferentes formas de manifestações festivas, seu significado para a população que presenciava e dela participava, bem como sua importância no espaço urbano; para uma melhor compreensão deste vasto universo festivo dividimos as festas em três grupos categóricos distintos: as festas <sup>cívicas</sup>, as festas religiosas e as festas não oficiais ou profanas. Não nos deteremos pois, a um tipo específico de festa, uma vez que nosso objetivo principal é verificar a importância que a cidade dá às diferentes formas de manifestações festivas, sejam estas festas civis, religiosas, oficiais ou não oficiais. Temos como intenção verificar os diferentes valores atribuídos às festas, dentro desse imenso universo de manifestações festivas e populares existente em nosso país.

Embora não haja uma delimitação específica quanto a uma festa, nosso recorte temporal é bem definido: circunscrevemos nosso estudo ao período imperial. Por outro lado, para analisar as diferentes festas deste período, em alguns momentos sentiu-se a necessidade de fazer uma analogia entre as festas do período imperial brasileiro e as festas do período colonial brasileiro para uma melhor compreensão de certas permanências de

---

<sup>2</sup> VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.247.



valores. Essas analogias são de fundamental importância, uma vez que, possuindo um caráter comparativo, nos proporciona uma maior compreensão de certos aspectos intrínsecos das festas, tais como noções de permanências/rupturas/valores/mudanças/adaptações ocorridas ao longo dos tempos dentro do universo festivo brasileiro.

## Capítulo 1: A cidade se organiza para as festas

Parte das representações sobre o Brasil, sobretudo do século XIX, foram produzidas no contexto de viagens, ou seja, por autores que se propuseram a elaborar relatos capazes de transmitir aos que ficaram as experiências vividas em lugares pouco acessíveis e ainda desconhecidos.

Em fins do século XVIII iniciaram-se as expedições científicas, propriamente ditas, pelo vasto território brasileiro patrocinadas por Portugal e, em seguida, com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil em 1808 e a abertura dos portos, as expedições patrocinadas por outras nações.

Com a abertura dos portos, cessaram-se as restrições ao conhecimento do país, que anteriormente era marcada pelo exclusivismo português. Esse monopólio exclusivo de exploração portuguesa cerceou bastante o número de estudos e pesquisas efetuadas sobre o Brasil. Essa escassez de informações foi fruto da política comercial expansionista dos primeiros séculos de colonização e da forma de exploração adotada por Portugal, no que diz respeito às suas colônias. Sendo a política adotada por Portugal, uma política econômica mercantilista<sup>3</sup>, o país permaneceu por muito tempo, pouco conhecido, visitado e estudado.

A partir de 1808 com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil e com a abertura dos portos, cessaram-se as restrições ao conhecimento do País. Este fato foi o principal gerador de um ciclo de viagens e expedições científicas que se estenderam por todo o século XIX. A partir desse momento iniciou-se uma produção sistemática de obras

---

<sup>3</sup> Para melhor compreensão deste assunto ver NOVAIS. *O Brasil nos quadros do antigo sistema colonial*, p.67.

sobre o Brasil que foram escritas por viajantes de várias procedências estando estes ligados a expedições científicas ou não, propunham a estudar o país e a interpretá-lo para o resto do mundo. "De fato, a abertura dos portos brasileiros ao exterior, sem dúvida pode ser apontada como um marco na história dos estudos sobre o Brasil."<sup>4</sup>

Ao longo do século XIX nota-se um grande afluxo de estrangeiros vindo<sup>5</sup> para o Brasil. Como em outros momentos históricos, vemos também neste século grande interesse em se conhecer e desvendar culturas e países diferentes. Como aponta Ilka Boaventura Leite, o culto "ao outro" exercia verdadeiro fascínio entre os intelectuais europeus e os "países exóticos, como eram então chamadas as colônias, exerciam uma enorme atração"<sup>5</sup>. O Brasil, como muitos outros lugares, eram procurados justamente por colocar em confronto o estranhamento e o desconhecido perante o viajante. Os temas descritos freqüentemente eram escolhidos levando-se conta o fato de serem considerados "exóticos"; e sempre que possível procurava-se evidenciar e estabelecer as diferenças entre seus países de origem e o Brasil.

Assim, logo se constata que as relações estabelecidas entre viajantes e brasileiros eram desiguais. Na "qualidade de estrangeiro" tornava-se agudo observador dos "aspectos, incoerências e contradições da vida cotidiana que os habitantes, ao dá-la como natural e permanente, encontravam-se incapazes de perceber"<sup>6</sup>.

Por outro lado, o viajante chegava ao Brasil portador de muitos preconceitos, munido da idéia de ser a imagem da civilização diante de um "povo atrasado". Tal postura

---

<sup>4</sup> LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem* — Escravos e Libertos em Minas Gerais no século XIX, p.50.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p.60.

<sup>6</sup> LEITE, Míriam L. Moreira. *Livros de Viagem* (1803-1900), p. 9.

agravava-se quando se viam frente a obstáculos linguísticos, culturais e econômicos. Na tentativa de compreensão dos grupos visitados, foram responsáveis por estereótipos que vigoraram por todo século XIX.

Os viajantes estrangeiros que vieram ao Brasil em suas expedições constituem uma fonte de informação fundamental para se entender as festas da Colônia e do Império, uma vez que, a maioria da população era iletrada, havendo poucos registros escritos por parte dessa população que presenciava e participava das festas. Como chama atenção Lilia Schwarcz, o viajante:

não pertence ao lugar, não é um membro e, sobretudo tem a possibilidade de se afastar, mas confronta e vê com um olhar que distingue, emite valores, arrisca interpretações<sup>7</sup>.

As festas de uma maneira geral foram vastamente relatadas por viajantes e por meros curiosos que, por motivos diversos presenciavam e descreviam festas dos séculos XVIII e XIX. Sendo assim é praticamente impossível discutirmos sobre este tema sem fazermos referências às obras escritas pelos viajantes.

Mesmo sendo os viajantes considerados fontes fundamentais para entender as festas no Brasil, somos obrigados a desconfiar das pistas viciadas que esses viajantes possam ter deixado. É preciso estar claro que, mesmo sendo usadas como fonte documental para essas pesquisas esses relatos de viajantes são absolutamente subjetivos, impregnados de uma outra cultura. Por outro lado, concordamos com Schwarcz quando afirma:

Se é preciso desconfiar de seus julgamentos, por outro lado, a consciência de sua distância, o fato de saberem que não faziam parte ou tinham laços orgânicos com aquele grupo social, fez do olhar estrangeiro um olhar especial. Com o objetivo de descaracterizar foram muitas vezes detalhistas em suas descrições, desenharam rituais cujo testemunho é quase único nessa sociedade quase que iletrada<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> SCHWARCZ. "O império das festas e as festas do império", p. 1.

<sup>8</sup>Ibidem,p.12.

Os viajantes escolhiam e escreviam o que julgavam interessante de acordo com sua maneira de ver o mundo, escolhiam o que iam relatar intencionalmente. Por serem depoimentos subjetivos, relatam os acontecimentos de acordo com a sua cultura, e não com a cultura que assistem. Por essas razões, analisavam o que viam utilizando seus próprios valores referenciais muitas vezes sem compreender o real significado de tais manifestações. Por outro lado, esses diários e relatos de viagens, descrevem minuciosamente as maravilhas encontradas do Novo Mundo.

No tocante as festas, essas descrições são tão minuciosas e ricas em detalhes que quase nos permitem ter uma "imagem real" desses eventos. Entretanto, é preciso estar alerta para o fato de que o que "se ganha na descrição das festas, perde-se na interpretação, ou menos em sua leitura no interior do universo cultural brasileiro" <sup>9</sup>.

Por outro lado, se essa população que presenciava e participava das festas era majoritariamente iletrada, não deixando assim, relatos escritos sobre suas vivências festivas, podemos resgatá-las, não só através dos relatos dos viajantes, como também em algumas cartas enviadas as Câmaras onde essa população requeria autorizações e licenças de diferentes tipos para a realização de festas, diversões e jogos.

No final do século XVIII, o Império brasileiro adotou uma política defendida por médicos, policiais e eruditos, voltada para atender às necessidades de formação de homens saudáveis e de hábitos civilizadores. Essa política englobava medidas de saneamento básico, como água e esgoto; medidas preventivas contra doenças que até então não existiam) entre outras medidas.

<sup>9</sup> SCHWARCZ, Lilia. *As Barbas do Imperador*, p.250.

De certa forma, foi uma política repressora e educativa, sobre as condições de saúde e higiene da população como um todo, numa política ampla que englobava a quantidade e a qualidade das festas religiosas, as atividades lúdicas, diversões e jogos em geral. Dentre os objetivos pretendia-se diminuir o desperdício de vidas, de dias de trabalho, causados, respectivamente, por inúmeras brigas e bebedeiras nas festas e pelas inúmeras obrigações com os santos (festas religiosas).

Dentro desta política, cabia "a Câmara Municipal a responsabilidade pela segurança da cidade, em termos de controle sobre as festas e diversões populares. A Câmara dos Vereadores foi um importante agente histórico do estabelecimento de política de controle imperial. Algumas ações cerceadoras das festas religiosas na corte imperial podem ser comparadas com as políticas moralizantes européias<sup>10</sup>.

Caberá ao Império a preocupação de ordenar e disciplinar a cidade/população. Este ordenamento implicava no controle das pessoas, por diversos mecanismos e dispositivos, quanto no incentivo e promoção de mudanças em suas condutas individuais e sociais.

A partir dos anos trinta do século XIX é possível verificar a existência de uma "política policial" em todo o Império. A preocupação com a delimitação das funções das Câmaras Municipais e das autoridades policiais evidenciam que, entre o final do Primeiro Reinado e o início do Período Regência!, há «ma "criação de uma série de dispositivos preventivos e repressivos que do poder central se esparramavam pelos municípios brasileiros, formando um autêntico governo policial (...)"<sup>11</sup>, cuja intenção era permitir ao

---

<sup>10</sup> Ver sobre este assunto: ABREU, Martha. *O império do divino*, p.189.

<sup>11</sup> ABREU, Martha.. *O Império do Divino* — Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900, p. 194-195.

poder governamental invadir o espaço público para controlar e dirigir o comportamento das pessoas.

Essa política de controle fazia parte de um projeto imperial que se pretendia civilizador e onde não caberia manifestações culturais vistas como perigosas, atrasadas e indignas para a capital do Império (na época a cidade do Rio de Janeiro). Coube então à Câmara de Vereadores, entendida pelo conjunto de seus representantes, fiscais e funcionários, a concessão de licenças para a realização das festas e seus divertimentos, e <sup>depois</sup> ateava, geralmente, de mãos dadas com a polícia. Por polícia compreendia-se um conjunto impreciso de disposições e providências destinadas a manter a paz na sociedade, impedir a ocorrência de atividades nocivas, como desordens, atentado ao pudor, excesso nas diversões, entre outras questões. Polícia não era exatamente uma organização, mas um conjunto disperso de instituições sob a coordenação das Câmaras Municipais e submetidas a estas, cuja finalidade era o ordenamento do meio social e urbano <sup>12</sup>.

Martha Abreu em seu livro "*O império do divino*", nos relata inúmeros pedidos de licença para as festas religiosas, diversões e jogos enviados à Câmara Municipal da cidade do Rio de Janeiro durante o período de 1832 até 1900.

No ano de 1833, por exemplo, foi feito um pedido a Câmara por Manoel da Bela Cruz, que usando sensíveis justificativas para negar os grandes perigos do momento, os tumultos e motins, solicita autorização para a realização de uma dança de jardineiro para dia de São João, juntamente com uma guarda para andar com a dança com intuito de evitar alguma desordem e tumulto:

licença para poder formar e aprontar uma dança de velho, para o dia 28 do corrente mês em que se há de louvar a Sra Santana com homens pacíficos e estabelecidos

---

<sup>12</sup> TORRES, Joio Camilo de Oliveira *História de Minas Gerais*, v.2, p.944.

nesta cidade que vivem de seus ofícios, sem a menor dúvida de motim. Sendo o suplicante obrigado apresentar esta o Juiz de Paz da Freguesia do mesmo suplicante e como para o dito fim precisam de licença por isso<sup>13</sup>.

As solicitações para as danças se colocavam sempre como se pretendessem realizar uma atividade inteiramente inofensiva à ordem, à tranquilidade pública e aos costumes. Ligavam-se freqüentemente a fins religiosos e políticos louváveis, como também ao prazer alegre de simples divertimento com companheiros.

Além das solicitações para as danças, eram inúmeros os pedidos que requeriam licenças para soltar fogos nas comemorações dos santos de devoção das irmandades. Em 9 de junho de 1841, os vereadores da Câmara do Rio de Janeiro autorizavam o pedido da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia da Candelária:

Dizem o Provedor, e a Mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia da Candelária que tendo de solenizar o dia de Domingo treze do presente mês de junho a festividade de Corpo de Deus com Missa Solene e Procissão de tarde e como para maior esplendor, pretendem atacar fogos amarrados requerem a W.Ssas. conceder-lhe a licença na forma da prática, e por isso (. . .)<sup>14</sup>.

Em 17 de setembro de 1832, a Câmara autorizava o requerimento da Irmandade de Nossa **Senhora** do Rosário e São Benedito:

Que eles pretendem festejar a mesma senhora no dia 7 de outubro e São Benedito no Domingo seguinte e como não possam festejar as suas festas com a salva de bombas e traçaria como é do costume por isso<sup>15</sup>.

Dezenas de outros exemplos, como os mencionados acima, ainda poderiam ser descritos para evidenciar a difusão do gosto por soltar fogos nas comemorações dos santos

<sup>13</sup> ABREU. *O império do divino*, p.206.

<sup>14</sup> *Ibidem.*, p.191.

<sup>15</sup> *Ibidem.*, p.190.



de devoção das irmandades. Os exemplos de gostos pelos fogos e de sua enorme potencialidade para atrair fiéis e irmãos às festas das irmandades, demonstrando a toda a cidade o "esplendor" do evento e a força de Santo e da corporação. Os pedidos atravessaram o século XIX, testemunhando a frequência e a insistência pelos fogos entre 1830 e 1900,

Nesses documentos podemos notar a importância que o evento festivo possuía para a população que presenciava e participava das festas. Os inúmeros pedidos de licença que vão desde gosto por soltar fogos nas comemorações dos santos, coretos para músicas, bandeiras, leilões de prenda, esmolas e barracas. São desta forma, registros e/ou indícios deixados por esta população que participava das festas e nos permitem de certa forma resgatar a vivência destas festas e a importância que elas tinham para a sociedade brasileira imperial.

Além de licenças para festas, diversões e jogos, cabia à Câmara também, dentro dessa política de controle imperial, zelar pela segurança e ordem da cidade. Na visão de Caio Prado Júnior em seu clássico *Formação do Brasil Contemporâneo*, o papel das câmaras coloniais era de serem meros departamentos executivos das ordens metropolitanas canais de transmissão das determinações do reino, submissas a seu papel na hierarquia imperial.

À Câmara funcionava aí como simples departamento executivo, subordinado à autoridade do governador; e seu papel, neste terreno, tem grande amplitude, pois o contacto que ela mantém com a população permite às autoridades superiores, mais distantes e não dispendo de outros órgãos apropriados, executarem através dela suas decisões<sup>16</sup>,

---

<sup>16</sup> JÚNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo*, p.325.

De acordo com Camila F. Guimarães Santiago em seu artigo *As festas e a representação do poder em Vila Rica*<sup>17</sup>, o Senado da Câmara era o órgão responsável por realizar as festividades oficiais. Cabia então à Câmara contratar os músicos para tocarem nas festas, comprar a cera para as veias, pagar o pároco para fazer o sermão, contratar o amador para paramentar a igreja, convocarem os homens do governo para tomarem seus lugares no cortejo. Responsável por promover e organizar várias festas, nas quais seus funcionários se apresentavam perante a população distintamente paramentados e em posições privilegiadas no cortejo, o senado utilizava-se dessas ocasiões festivas como forma de ostentar e representar o seu poder.

Ao longo do século XIX, a preocupação com o controle das relações sociais no espaço urbano era claramente perceptível nos dispositivos das Posturas Municipais. De maneira geral, as disposições das posturas diziam respeito ao meios de promover a tranqüilidade, segurança, saúde, asseio, elegância e regularidades externas dos edifícios e ruas das povoações, saúde pública, moral, comportamento, urbanidade. A partir de 1830, os Códigos de Posturas terão uma clara definição política, cujos objetivos serão o "de civilizar o Império em termos de limpeza, saneamento, moral pública, organização e embelezamento do espaço urbano"<sup>18</sup>.

Por exemplo, apesar das posturas do Rio de Janeiro de 1830 e 1838, que eram verdadeiras leis municipais na expressão de José Luís Werneck da Silva<sup>19</sup>, visarem à manutenção da ordem pública e atender a uma ação de sentido preventivo, foram bastante

---

<sup>17</sup> SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *As Festas e a Representação do poder em Vila Rica*. *XII Encontro Regional de História — ANPÍJH: História e Política: Compromissos do Historiador*. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 24 a 28 de julho de 2000 (mimeo).

<sup>18</sup> ABREU, Martha. *O Império do Divino - Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*, p.219,

<sup>19</sup> ABREU, Martha. *O império do divino*, p.195.

seletivas ao serem aplicadas ao nível de festas. E por mais cerceadoras que fossem as ações da política imperial, elas encontravam urna população que não cessava de se renovar e transformar os diversos tipos de manifestações festivas a fim de burlar a legislação. Tal fato nos proporciona uma visão nítida do quanto o evento festa é importante para a sociedade que não se cansa de renovar a fim de fazer com que a festa permaneça ao longo dos tempos.

Exemplo de uma festa popular na qual a população não se cansava de se renovar e burlar a legislação a fim de manter o costume do evento é o entrudo.

Entende-se por entrudo a primeira manifestação carnavalesca no Brasil e que se caracterizava por ser um conjunto de folguedos ligados a práticas que englobavam diversas brincadeiras, nas quais predominavam a presença de água<sup>20</sup>.

Dentre as medidas civilizatórias da política imperial encontramos a partir de 1829 proibições sistemáticas feitas à prática do entrudo, evidenciando a preocupação com a ocupação do espaço público. A preocupação em proibir as brincadeiras de entrudo se evidenciada pelas posturas municipais e pela repressão policial.

Em 1829, foram apresentadas à Câmara Municipal de Ouro Preto propostas de posturas contendo pela primeira vez a proibição do entrudo:

Sendo assaz escandaloso o uso de pelas ruas, e lugares públicos brincarem o Entrudo resultando desta tolerância muitas vezes desordens, e moléstias incalculáveis além de ofensa a Religião: fica de ora em diante proibido o uso de tais brincadeiras nas mas e lugares públicos, sendo punidos os infratores com penas correcionais de prisão de um a dois dias sendo capturados em flagrante delito<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> Ver mais sobre o assunto era: ARAÚJO, Patrícia Vargas L. <te. *Folganças Populares — Festejos de Entrudo e de Carnaval em Minas Gerais no século XIX*, 2000.

<sup>21</sup> PROPOSTAS de Posturas referentes a cidade de Ouro Preto. 31/05/1829,APM, CMOP 3/2, cx. 01, fls.19. Citado por ARAÚJO, Patrícia, V. Lopes de. *Folganças Populares*, p.79.

O entrudo., será ao longo do século XIX condenado, considerado como um evento escandaloso, indisciplinado, causador de desordens e moléstias, ofensivo à religião, principalmente pela imprensa e camadas mais abastadas da sociedade. A legislação se preocupará, principalmente, em acionar mecanismos que impedissem a realização do festejo, ou seja, estabelecimento de multas e penas, proibição de venda de "instrumentos" próprios para a realização do festejo.

Na época do entrado, com a finalidade de tornar público e fazer chegar ao maior número de pessoas as posturas proibitivas do festejo eram publicadas nos jornais, na seção Edital, durante dias seguidos, o artigo específico da proibição; que, além disso, era afixado nos lugares de costume pela cidade. No entanto, a publicação e divulgação dos editais não significavam que fossem de fato cumpridos em suas disposições legais. Assim, "(...) o que parece ter de fato contribuído para a permanência do Entrudo ao longo do século XIX foi, digamos, a ineficiência das autoridades e uma certa conivência destas para com o festejo e sua realização. Sem contar a participação das pessoas. (...)"<sup>22</sup>.

Dessa forma, o controle do espaço, das festas e das diversões não ocorria apenas em função do que ameaçava a tranquilidade pública, mas também com relação a uma "melhor administração dos costumes da cidade e da própria vida de todos os seus habitantes"<sup>23</sup>.

O século XiX marca decisivamente a preocupação com relação à regulamentação das condutas e posturas adequadas para locais públicos, assim como tudo o que diz respeito à convivência social e ao comportamento das pessoas. Durante este século, houve progressivamente uma atenção redobrada com o que podemos chamar de "civildade" e

---

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> Ibidem.

"urbanidade". A cidade tomava-se alvo de uma efetiva normatização, e as autoridades procurarão controlar dos grandes aos pequenos detalhes da vida social e do cotidiano das pessoas. Com olhos voltados ao progresso e à civilização, a elite brasileira, ao longo do século XIX, teve como perspectiva *de* a noção de que não havia atividade que não pudesse ser controlada<sup>24</sup>.

Durante todo o século XIX estará sempre presente uma forte intervenção das autoridades sobre a vida da população e, especialmente, sobre os costumes populares (festas, diversões, jogos e brincadeiras). Nesse sentido, encontramos a preocupação da Câmara com os aspectos físicos da cidade no sentido de se preservarem ruas limpas e preocupações também no sentido de moral e conduta da população diante de determinadas festas, como podemos notar no Edital que a Câmara Municipal de Mariana mandou publicar no dia 16 de março de 1868:

Faz saber aos habitantes desta Cidade que aproximando-se a festa da Semana Santa, em que tem sair as procissões do costume, convida a todos os proprietários para que *mandem capinar e limpar as entradas e frentes de suas propriedades para maior aceio e decência dos aios religiosos, que a todos deve merecer escrupulosa atenção (...)*<sup>25</sup>.

Em 10 de junho um outro edital da Câmara Municipal de Mariana convoca o público para participar da procissão do Corpo de Deus, bem como fazer a ornamentação de suas casas de acordo com os costumes da época;

Faz saber que tendo de sair amanhã 11 do corrente a Procissão do Corpo de Deus a percorrer as ruas da Cidade, convida ao respeitável público para que *conservem limpas e com as descências necessárias a frente de suas casas ornando com colchas as sacadas e janelas das mesmas em acatamento a hum tão solene ato (...)*<sup>26</sup>.

<sup>24</sup> SCHWARCZ. Lilia Moritz (Org.). Introdução. In: ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom*, p.24.

<sup>25</sup> Miscelâneas, códice 740. Arquivo Público da Câmara municipal de Mariana. (Grifos meus)

<sup>26</sup> Ibidem.

Nessa política de controle imperial, a Câmara foi um importante agente histórico que pretendia assegurar o estabelecimento da ordem pública e de medidas civilizadoras. No referente às festas, dentre os objetivos pretendia-se diminuir o desperdício de vidas e de dias de trabalho causados pelas inúmeras brigas e bebedeiras que aconteciam nos dias festivos. Notamos aqui uma mentalidade racionalista, onde a festa é vista como uma atividade e uma forma de associação não motivada pela utilidade e, por isso, intrinsecamente subversiva. A festa aqui se resume a características tais como: a preguiça, o esbanjamento, a supertição, o vício, a ignorância, o fanatismo e o entusiasmo.

Voltaire, por exemplo, compreendia que era sobretudo nos dias festivos que pessoas conheciam o culto de embebedar-se, e era nesses dias de ócio e dissolução que todos os delitos eram praticados. Para ele eram as festas que enchiam as prisões e faziam viver os carcereiros e carrascos. Pensava ainda que a festa perpetua a miséria<sup>27</sup>.

Olhando por este mesmo prisma, a festa como transgressão/dissolução, outro ponto de vista que pode ser citado é o de Freud. Segundo Freud,

uma festa é um excesso permitido, ou melhor, oferecido a infração solene de um interdito. Os homens não se entregam aos excessos para que sejam felizes por uma ordem recebida. O excesso está na própria natureza de toda a festa; o humor festivo é provocado pela liberdade de fazer o que o de ouro modo é proibido<sup>28</sup>.

Para Freud, a festa é essencialmente uma transgressão legítima das regras. Dentro dessa ática, a festa é vista como ato de transgressão e não civilizador, podemos citar também a teoria de Georges Bataille<sup>29</sup> que diz que a festa é motivada por uma necessidade desmedida de destruição e esbanjamento que é satisfeita na sociedade tradicional, mas está

---

<sup>27</sup> Voltaire. *Dictionnaire philosophique partatif(tiaâ)*. It. Einaudi, Torino 1971).

<sup>28</sup> Verbete Festa. In: *Enciclopédia Einaudi*, v. 30. p.403.

<sup>29</sup> Ver mais sobre o assunto na Enciclopédia Einaudi, vol 30, p. 405.

suprimida na sociedade burguesa, A festa para Bataille assume caráter revolucionário justamente porque é destrutiva.

Entretanto, podemos afirmar que as festas não são necessariamente transgressivas. Pelo contrário, muitas festas (cortejos, procissões, triunfos, etc.) consistem na representação da hierarquia e de valores sociais e servem para os reafirmar solenemente. Exemplo disso são os cortejos imperiais do século XIX, que analisaremos mais para frente com maiores detalhes, em que através das cerimônias públicas a monarquia brasileira utilizando-se de seus trajes de gala, transformava suas aparições públicas em grandes espetáculos.

A teoria da festa como transgressão dá conta de uma única categoria de festas ou de um aspecto da festa. Por outro lado, podemos conceber que a festa pode ser vista como um evento de encontro, de congraçamento, de reconciliação, de harmonização, permitindo que sejam reforçados os laços de solidariedade e sociabilidade entre os homens. A festa é este estado de efervescência em que o grupo a si próprio se torna visível como tal.

Constatadas estas duas perspectivas teóricas, tão divergentes sobre o significado e a essência do evento festa, podemos analisar a sociedade e a política imperial brasileira e perceber que de acordo com a lógica de uma política civilizatória, ao mesmo tempo repressora e educativa, nem todas as festas e manifestações populares eram taxadas de transgressoras e anticivilizatórias. Através de relatos de viajantes e de outras fontes documentais podemos notar as inúmeras festas transcorridas nesse período e notai o dispêndio enorme para, a realização das mesmas.

Lilia Schwarcz, em seu livro "*As barbas do Imperador*", faz referência a inúmeros viajantes que relatam suntuosas festas na época do Império brasileiro; entre eles podemos destacar os relatos de um reverendo norte-americano, Daniel Parish Kidder, que permaneceu no país entre 1836-1842. Kidder encontrava-se na cidade do Rio de Janeiro em

18 de julho de 1841 e narra a cerimônia de unção, sagração e coroação de D. Pedro II, descrevendo toda pompa e luxo do evento bera como a mobilização de toda a cidade diante de tão imponente acontecimento onde os preparativos e a organização do mesmo antecederam-se por dois meses. Podemos notar por este relato, os dispendiosos gastos que foram realizados por parte da sociedade e das administrações públicas para a realização desse evento. Assim ele diz:

Assim, por mais dois meses a esperada cerimônia de coroação continuou sendo o assunto principal de todas as conversas e o objetivo dos preparativos a que todos se entregavam afanosamente, desde o Imperador e as princesas, até os escravos descalços

Finalmente, a 18 de julho de 1841, realizou-se o acontecimento tão ansiosamente esperado. A pompa da cerimônia excedeu às mais ousadas expectativas. O esplendor do dia; os milhares de pessoas, inclusive estrangeiros, que apinhavam as ruas; as magníficas e custosas decorações dos logradouros públicos e das casas; os arcos de triunfo; as bandas de música e as salvas de artilharia; a perfeita ordem e a tranquilidade que reinavam em todos os cortejos e cerimônias públicas daquele dia, bem como quase tudo o mais que se poderia imaginar ou desejar, parecia concorrer para que as festividades fossem das mais deslumbrantes e as celebrações se prolongaram por nove dias consecutivos. Se é que pompa e exterioridade podem assegurar a estabilidade do governo e o respeito à coroa tudo se faz pelo Brasil naquele dia, dentro dos recursos disponíveis... Considerou-se da mais alta importância cercar o trono de um esplendor tal que para sempre refulgisse aos olhos o povo. Pode-se, entretanto, conjecturar se em lugar de robustecer o sentimento cívico do povo essa política não teria dado lugar a uma predileção mórbida peias cerimônias pomposas, que só seria satisfatória com a sua frequente repetição.<sup>30</sup>

Estes eventos pomposos não eram novidade para a sociedade brasileira. Um outro exemplo de suntuosidade nas festas são os desfiles triunfais do Brasil colônia, principalmente nas Minas Gerais do século XVIII. O primeiro desses aparatosos desfiles "em pública exaltação da Fé" foi realizado em Vila Rica no dia 24 de maio de 1733 para a transladação de "Diviníssimo Sacramento" da Igreja de Nossa Senhora do Rosário para "o novo Templo da Senhora do Pilar". Simão Ferreira Machado nos relata tal evento destinado

---

<sup>30</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*, p.256.



à "perpétua lembrança, e contínua narração aos presentes, e futuros toda a ordem de tão magnífica solenidade", O seu autor, "com douta, e tão elevada exposição relata a superabundante, e triunfal magnificência da solene trasladação" sob o título de Triunfo Eucarístico<sup>31</sup>. Pela minuciosa descrição de Simão Ferreira Machado fica-se sabendo, desde logo, que as festividades não se reduziam apenas aos desfiles do dia 24 de maio, mas começaram um mês antes, com uma série de eventos anunciados por ruidosa convocação aos moradores da localidade para participarem das festas.

Desta maneira, podemos perceber, tanto no período colonial quanto no imperial, que a realização de festas no espaço da cidade significavam a mobilização e à cooperação das pessoas-. Significava também que a cidade se preparava para comemorar e celebrar. Assim, eram freqüentes os apelos para que a população enfeitasse as ruas por onde passariam os cortejos e procissões. Da mesma maneira convocava-se os moradores para que iluminassem a frente de suas casas. Contava-se com a cooperação das pessoas para os arranjos dos festejos, considerando-se que somente desta forma os festejos pudessem ser um bonito espetáculo.

Segundo Maria Clementina Cunha, a forma organizacional de diferentes festas ocorridas no Brasil estava "firmemente fincadas em repertórios herdados do arsenal festivo lusitano dos tempos colônias<sup>21</sup> Igualmente a prática de solicitar aos moradores a iluminação das ruas, o enfeite de janelas e ruas. Os cortejos, os enfeites e a iluminação das ruas não eram constituíam-se "elementos constantes e centrais das festas públicas presentes em ocasiões festivas coloniais" e, permaneceram durante o século XIX em diversos tipos de festejos<sup>32</sup>. Maria Clementina Cunha apresenta como exemplo a festa promovida em 1786

<sup>31</sup> MACHADO, Simão Ferreira. *Triunfo Eucarístico*, p.37.

<sup>32</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. 1999, p. 6-14.

pelo Vice-Rei em comemoração do casamento do infante português, e os festejos para celebração do casamento da Princesa D. Maria Teresa em, 1810.

~~De acordo~~ No Carnaval de 1897, o jornal *Minas Geraes* comentava a respeito do aspecto da cidade de Ouro Preto o seguinte:

O aspecto das ruas era brilhante à noite; [...] a iluminação *a giorno*, em notável profusão, produziu um aspecto verdadeiramente deslumbrante, pela multiplicidade de formas e cores variadas das lanternas venezianas que embelezaram as casas. Com a luz artificial os enfeites e as serpentinas que trançavam caprichosamente, ligando um lado ao outro da rua, sobressaíam muito<sup>33</sup>.

O que podemos dizer é que as festas ocorridas no espaço urbano não deixavam de marcar indelevelmente a cidade e seus moradores. COÍBO exemplo desta afirmativa podemos citar os preparativos para chegada de D. Leopoldina ao Brasil em 1817, por ocasião de seu casamento com D. Pedro I. Segundo Jurandir Malerba, houve grande preocupação com os mínimos detalhes e especialmente com o "asseio das ruas por onde deveria passar o cortejo". E elaborou-se "meticuloso regulamento para o trânsito das ruas no dia do desembarque da princesa (...)"<sup>34</sup>. Segundo este autor e com auxílio de cronistas e documentos da época este evento foi

indubitavelmente um espetáculo de encher os olhos, ainda mais do grande concurso de povo que se comprimiu por toda a extensão do percurso na rua Direita, largo do Paço, na ladeira de São Bento, no arsenal da marinha até a ilha das Cobras, por trás das alas enfileiradas dos soldados ou apinhados nos outeiros, árvores ou nas sacadas das casas, donde ovacionavam o cortejo triunfa! com vivas e chuva de flores. Quando SS. MM. e AA. RR passaram sob p primeiro arco à entrada da rua Direita em frente ao arsenal, erigido com o patrocínio do corpo de comércio da cidade sob administração dos negociantes Joaquim José Pereira do Faro e Francisco Pereira de Mesquita — cujo traço marcante era dos artistas pensionados do rei, o arquiteto Grandjean de Montigny e o pintor de história Jean-Baptiste Debret —, duas crianças ricamente paramentadas detiveram o cortejo. Sobre os pedestais das colunas, segurando uma o emblema do amor, outra o do himeneu, ofertaram a dona

<sup>33</sup> Noticiário. Minas Geraes. Ouro Preto, n.º 58, aao VI, Terça-feira, 02/03/1897, p.7.

<sup>34</sup> MALERBA, Jurandir A corte no exílio — Civilização e poder no Brasil às vésperas da independência (1808 a. 1821), p. 62.

**Leopoldisa** uma coroa de flores artificiais, ao mesmo tempo **que pétalas de flores** eram lançadas sobre o real coche<sup>35</sup>.

Procuramos aqui refletir sobre a maneira como as festas mobilizavam a cidade e como se constituíam em momentos especiais de comemoração dos moradores de uma cidade. No próximo capítulo desejamos nos deter no significado da festa considerando três dimensões, ou que nomeamos como; "festas cívicas", "festas religiosas" e "festas profanas".

---

<sup>35</sup> MALERBA, 2000, P, 71-72

## Capítulo 2: O significado da festa

Com a colonização, o Brasil recebeu uma gama de tradições portuguesas. E, no conjunto, as festas foram uma parte importante dessa herança cultural. Segundo Sérgio Buarque de Holanda: "toda cultura absorve, assimila e elabora os traços de outra cultura quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida"<sup>28</sup>. Nesse sentido, o diálogo da herança ibérica com a cultura africana e indígena resultou numa gama de manifestações populares.

Muitas são as festas ocorridas em soio brasileiro. À vida cultural brasileira foi, desde a Colônia, bastante movimentada e as comemorações festivas marcaram significativamente o contato entre as pessoas. Por esta gama enorme de manifestações festivas o Brasil será intitulado, principalmente por estrangeiros, como o "país das festas".

As festas, fossem elas religiosas, cívicas ou profanas marcavam o calendário social e permitiam que o distanciamento e a formalidade da vida social brasileira fossem rompidas. Eram momentos propícios para que os laços comunitários, a sociabilidade e a solidariedade se manifestassem no seio da sociedade brasileira.

A festa, como evento em si, não possui um único sentido e uma só direção. Ela possui uma multiplicidade de usos, de sentidos e intenções. É também um momento esperado, desejado, carregado de sentimento de tensão e alegria na expectativa de um "outro mundo", de espaço e de um tempo diferente do cotidiano, no qual as pessoas que dela participam investem de significados sua vivência..

---

<sup>28</sup> HOLANDA. *Raízes do Brasil*, 1990.

As festas podem ter uma função distributiva, em vez de serem motivadas por uma tendência para o esbanjamento e a destruição. Ora! Finalmente, quem quer que tenha estudado festas concretas sabe que exigem organização, trabalho e uma orientação muitas vezes complexa. Longe de serem um caos suposto por alguns teóricos, as festas são freqüentemente o culminar de uma atividade organizada em muitas sociedades. O que justificaria, neste sentido, a perpetuação de confrarias, corporações, associações de bairro e outras formas de agrupamentos que têm uma duração permanente e uma influência constante na sociedade global.

Sendo assim, os dias de festejar não são dias comuns. É um tempo especial de celebrar. Um momento em que a vida pública tem prioridade à vida privada. Por serem então dias especiais e privilegiados, os dias festivos têm suas datas marcadas no calendário social.

A festa é uma atividade social agradável e sendo agradável é recordada na memória e antecipada na imaginação; tende pois, a repetir-se no tempo. Sendo assim a festa está ligada à organização social do tempo. Dentro dessa organização temos as festas de tempo irreversível e linear, como também festas ligadas a uma noção cíclica do tempo. Na esfera de tempo linear e irreversível, encontramos festas tanto na vida individual (batismo, crisma, casamento, funeral, etc.) como na coletiva (vitória, paz, casamentos de personagens ilustres, coroação, morte de um príncipe, etc...). Na esfera do tempo cíclico encontramos uma organização do universo festivo de maneira a serem feitos calendários oficiais das festas, tamanha era a importância desses eventos para a sociedade.

Lila Schwarcz em seu livro já citado, nos apresenta o seguinte calendário das festas religiosas no Rio de Janeiro durante o século XIX. Sendo bom lembrar que no império dos dias feriados as datas religiosas, populares e oficiais se misturam:

<p><b>JANEIRO</b></p> <p>Ano-Bom(1) (dia de gala) Reis* (f a 6) (dia de gala) Dia do Fico (9) Falecimento do Sr. Duque de Lecce, Irmão de S. M. a imperatriz Festa do Senhor Bom Jesus de íguape (19) Festa de São Sebastião* (27) Procissão de São Sebastião (27) Festa de São Crisóstomo (27)</p>	<p><b>FEVEREIRO</b></p> <p>Festa de Santo Amaro (1) Nossa Senhora da Candelária (2) (dia de gala) Purificação de Nossa Senhora* (2) Festa de São Brás (3) Falecimento da Sra. D. Amélia, Irmã de S.M. o Imperador Entrado (período Carnaval) Carnaval* Procissão de Quarta-Feira de Cinzas/ Procissão de Santo António* Procissão de Nosso Senhor dos Passos* (segunda quinta-feira da Quaresma) Festa de São Elói (20) Festa de São Matias Apóstolo</p>
<p><b>MARÇO</b></p> <p>Aniversário Natalício da Sereníssima Princesa Imperial* (11) Aniversário Natalício de Sua Majestade a Imperatriz (14) Festa de São José* (19) Festa de São Bento (21) Juramento da Constituição do império* (feita em 1824) (25) Paixão e Anunciação de Nossa Senhora* (25)_ Procissão do Triunfo* (sexta-feira que precede o Domingo de Ramos)</p>	<p><b>ABRIL</b></p> <p>Domingo de Ramos* Festa de São Francisco de Paula* Elevação de S. M. ao Trono* (7) Festa de Nossa Senhora das Dores (10) Festa do Santíssimo Sacramento (12) Festa de São Jorge* (23) Quarta-Feira Santa* (40 dias após o Carnaval, em março ou abril) Quinta-Feira Santa* Sexta-Feira da Paixão*/ Procissão do Enterro Sábado de Aleluia*/ Malhação do Judas Domingo de Páscoa</p>

<p><b>MAIO</b></p> <p>Festa de São Filipe e São Tiago (1)  Ladainhas*  Abertura da Assembleia Nacional*(3)  Invenção de Santa Cruz (3)  Festa de São Gonçalo Garcia (8)  Festa de Nossa Senhora da Piedade (13)  Festa de Santa Rita de Cássia (22)  Festa do Divino Espírito Santo*- Dia de Pentecostes (40 dias após a Páscoa, em maio ou junho)</p>	<p><b>JUNHO</b></p> <p>Festa de São Bartolomeu (1)  Festa de Nosso Senhor dos Passos (1)  Festa de Jesus, Maria e José (2)  Festa de São Gonçalo (2)  Festa da Santíssima Trindade* (3)  Páscoa do Espírito Santo (6)  Procissão do Corpo de Deus (Corpus Christi)* / Procissão de São Jorge (7)  Festa do Sagrado Coração de Jesus* (7)  Festa de Nossa Senhora da Piedade (10)  Festa de Santo Antônio de Lisboa (13)  Festa do Corpo de Deus (17)  Festa de Santana (22)  Festa de São Joaquim (22)  Festa de São João Batista (24)  Festa de São Tadeu (25)  Festa do Santíssimo Coração de Jesus (25)  Festa de Santa Apolônia (26)  Festa do Senhor do Bonfim (28)  Festa de Santo Antônio (28)  Festa de Nossa Senhora do Sacramento (28)  Festa de Nossa Senhora da Conceição (28)  Festa de São Pedro (29)  Festa de São Paulo (29)</p>
<p><b>JULHO</b></p> <p>Procissão de Santa Isabel (2)  Festa da Misericórdia (2)  Procissão da Visitação de Nossa Senhora (2)  Festa de Nossa Senhora do Monte Carmo (12)  Natalício da Princesa Leopoldina (13)  Festa do Carmo (16)  Festa da Coroação e Sagração (18)  Festa da Maioridade (23)  Triunfo de Santa Cruz (26)  Natalício da Princesa Isabel (29)</p>	<p><b>AGOSTO</b></p> <p>Festa de São Lourenço (10)  Procissão de Nossa Senhora da Boa Morte* (14)  Festa da Glória (15)  Festa de São Bartolomeu (24)  Festa de São Joaquim (domingo seguinte à festa da Glória)</p>

<p>SETEMBRO</p> <p>Aniversário de casamento de S.M.I. (4)  Independência do Império* (7)  Festejos da Senhora da Victoria (8)  Festa do Nascimento de Nossa Senhora* (8)  Festa de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores (9)  Festa de São Roque (20)  Festa de Nossa Senhora das Mercês (20)  Festa de Santa Cruz (21)  Festa de São Mateus (21)  Festa de São Pedro Gonçalves* (23)  Festa de São Roque (23)  Festa de Nossa Senhora do Bom Parto (27)  Festa de São Miguel (29)</p>	<p>OUTUBRO</p> <p>Festa da Penha (3)  Festa de São Francisco (4)  Festa de Nossa Senhora do Rosário (11)  Aniversário de Pedro 1(12)  Festa de Santa Teresa de Jesus (15) (dia de gala)  Festa, de Nossa Senhora da Conceição (16)  Festa de Nossa Senhora das Dores (18)  Aniversário de São Pedro de Alcântara (19)  Festa de São Simão e São Judas (28)  Festa de São Miguel (29)</p>
<p>NOVEMBRO</p> <p>Festa de Todos os Santos* (1)  Dia de Finados/ Procissão dos Ossos* (2)  Festa de Nossa Senhora das Dores  Festa de Nossa Senhora da Lampadosa  Festa de Nossa Senhora do Valle  Primeira Dominga do Advento*  Festa de Santo André (30)  Festa de Nossa Senhora da Conceição e da Boa Morte</p>	<p>DEZEMBRO</p> <p>Festa da Imperial Ordem do Cruzeiro*  Aniversário de Pedro II (2)  Festa de Conceição de Nossa Senhora, padroeira do Império (8)  Festa de Nossa Senhora da Conceição (11)  Festa de Santa Luzia* (13)  Festa de São Tomé (21)  Natal* (25)  Boas Festas (26)</p>

(\*) As festas com um sinal de asterisco (\*) são as oficiais.

Este calendário, segundo a autora, reconstituído por Valéria Mendonça de Macedo através do recolhimento de fontes como: almanaques, manuscritos enviados à corte do Rio de Janeiro durante o século XIX e obras de autores nacionais e estrangeiros do período.



No carregado calendário das festas oficiais, a família imperial tinha seu lugar cativo:

como nos mostra

Em janeiro era o "ano bom" e o "dia do Fico"; em fevereiro, "falecimento de d. Maria Amélia (irmã de S.M. o imperador); em março, "o juramento da Constituição", maio era o mês de aniversário do irmão da imperatriz; julho era o mês de aniversário da sra. D. Leopoldina, "natalício da princesa imperial sra. D. Isabel" e aniversário da sagração do imperador; agosto, aniversário da princesa de Joinville; setembro, casamento de Suas Magestades imperiais e Independência do Brasil; outubro, dia de Santa Teresa; novembro, aniversário de d. Maria II, e dezembro, natalício de S.M. o imperador<sup>29</sup>.

Para cada ocasião uma roupa diferente, para cada data um ritual especial Além dessa vasta quantidade de festas oficiais havia ainda no Império as festas populares que "carregavam" ainda mais esse calendário de festas.

A partir deste "carregado" calendário festivo, trabalharemos três dimensões festivas: as festas civis ou oficiais, as festas religiosas e as festas profanas ou não-oficiais. Procuraremos em cada uma delas — os exemplos de festas não foi feito) de maneira sistemática — analisar o seu significado e sua organização dentro das cidades em que as mesmas se realizavam.

Nas aparições públicas, nos cortejos reais, procissões e efemérides cívicas - como a coroação, as comemorações do dia da independência ou da Maioridade, de aniversários ou de falecimentos eram os soberanos portugueses e a realeza que regiam o ritual. Nas demais festas populares, como o Dia de Reis, do Divino, nas Cavalhadas, Congadas, e Batuques, outros reis e rainhas, figuras do imaginário local que tomavam a cena.

---

<sup>29</sup> SCHWARCZ, Lilia. *As barbas do Imperador*, p. 258.

## 2.1. AS FESTAS CÍVICAS

As festas cívicas eram festas oficiais determinadas pela Coroa ou pelas autoridades locais. Eram espetáculos que tomavam as ruas e seduziam o seu público, espetáculos que alegravam, divertiam e educavam. Difundiam e criavam valores e sentimentos políticos a partir de suas representações discursivas, alegóricas, simbólicas e gestuais.

Esses valores e sentimentos políticos que a festa colocava em cena são importantes, seja porque nos informa sobre estratégias políticas de legitimação do poder, ou de moralização e educação do povo, seja porque eles faziam parte de toda uma rede de sentidos e significados a partir dos quais a população que presenciava e participava da festa construía uma identidade e uma imagem de si. "O Estado ia buscar a sua força, que era de veras real, às suas energias imaginativas, à sua capacidade semiótica de fazer com que a desigualdade encantasse"<sup>30</sup>.

Através das cerimônias *públicas*, em cortejos ou à frente das procissões, a monarquia brasileira utilizando-se de seus trajes de gala, transformava suas aparições públicas em grandes espetáculos. Em todas essas cerimônias, fossem elas por motivos natalícios, feitos heróicos ou festas religiosas oficiais, a "capacidade semiótica"<sup>31</sup> era **um recurso** utilizado pelo Império a fim de que "a desigualdade encantasse".

A construção desse Estado Imperial, com suas práticas de controle e ação sobre as pessoas e as coisas na sociedade, se fazia juntamente com a criação **de todo um** imaginário político que perpassava e que eram vivenciados nas festas cívicas.

<sup>30</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, 1978.

<sup>31</sup> Entende-se por capacidade semiótica, a arte de dirigir manobras militares por meios de sinais, em vez de fazê-lo com a voz.

Os cortejos reais eram de grande popularidade; nesses momentos vários grupos sociais compartilhavam o espaço das ruas com intuito de prestar homenagem ao imperador. Sendo assim, as festas transformavam-se em instrumento estratégico na afirmação quase diária da realeza.

Daniel Kidder assistiu às comemorações do aniversário de D. Pedro II na Bahia durante o período da Regência. Podemos notar no relato de Kidder a mobilização por parte da sociedade baiana na celebração do aniversário do jovem Imperador, que inclui além do cortejo costumeiro, três dias de festas consecutivas, havendo, ainda, iluminação durante três noites.

O aniversário do Imperador era comemorado por todo o país no segundo dia do mês de dezembro. Na corte ele recebia os cumprimentos pessoalmente e nas demais províncias, eram os presidentes, como representantes especiais da Coroa, que tomam o seu lugar sem, no entanto, fazer jus às honras especiais. Nesse caso, a figura do Imperador é representada em um "retrato" que vai "as procissões, na frente dos salões e em grandes estandartes:

(...) é o dia 2 de dezembro, natalício do Imperador. Em todos esses dias, exceto a 3 de maio, Sua Majestade dá recepção em palácio. Os presidentes das Províncias, como representantes especiais da Coroa, seguem o exemplo do soberano, com idênticas soleridades nas diversas capitais provinciais, com a diferença, porém, que essas autoridades não recebem as honras imperiais, como se tributadas às suas pessoas. O lugar de honra, na sala do cortejo, é invariavelmente ocupado por um retrato de Sua Majestade.

(...)Além do cortejo costumeiro, as festas se prolongariam por três dias consecutivos, havendo, ainda, iluminação durante três noites.

(...). O retrato do Imperador permaneceu coberto por uma cortina até o momento em que o presidente, chegando, puxou o dossel e ergueu repetidos vivas à sua Majestade, à Família Imperial, à nação brasileira e ao povo da Bahia; vivas esses que eram seguidos de ruidosas aclamações do povo enquanto que milhares de rojões riscavam o firmamento num ruidoso pipoquear.<sup>32</sup>

<sup>32</sup> KIDDER. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil*, p.31.

Apesar dessas aparições públicas da monarquia em diferentes cerimónias serem de grande popularidade, a massa popular não passava de <sup>mera longínqua</sup> meros e longínquos <sup>espectador</sup> espectadores, uma vez que no âmbito da catedral apenas penetravam a família imperial, as autoridades, as personalidades de nobreza, as representações diplomáticas, as câmaras, os notáveis. A massa popular compacta derramava-se pela praça nos espaços deixados livres peia tropa imperial.

Kidder narra outro grande acontecimento, desta vez na cidade do Rio de Janeiro na ocasião da coroação de D. Pedro II em 18 de julho de 1841 e nos mostra detalhadamente como a cidade inteira se organizou, mobilizou e preparou esse evento com 2 meses de antecedência. Evento este que "a pompa da cerimónia excedeu às mais ousadas expectativas" , onde estava presente "magníficas e custosas decorações dos (logrados) públicos e das casas"<sup>34</sup> bem como bandas de música e salvas de artilharia. Diz ele:

Se é que pompa e exterioridade podem assegurar a estabilidade do governo e o respeito à coroa tudo se faz pelo Brasil naquele dia, dentro dos recursos disponíveis... Considerou-se da mais alta importância cercar o trono de um esplendor tal que para sempre refulgisse aos olhos o povo. Pode-se, entretanto, conjecturar se em lugar de robustecer o sentimento cívico do povo essa política não teria dado lugar a uma predileção mórbida pelas cerimónias pomposas, que só seria satisfatória coma sua freqüente repetição.

Podemos notar nesse relato de Kidder, os dispendiosos gastos que foram realizados por parte da sociedade e das administrações públicas para a realização desse evento. Toda essa pompa e exterioridade eram utilizadas em prol da estabilidade do poder imperial, reafirmando assim, a "capacidade semiótica" utilizada como instrumento de fazer com que

<sup>33</sup>Ibidem, p.36.

<sup>34</sup>Ibidem

a natureza desses eventos os transformassem em grandiosos e exuberantes espetáculos teatrais.

Pelo calendário apresentado acima podemos notar um número considerável de "festas cívicas". Por outro lado, nota-se também a presença de "festas religiosas"; algumas oficiais, outras não, mas que também marcaram a sociedade brasileira imperial.

## 2.2. AS FESTAS RELIGIOSAS

Num país escravocrata, fortemente hierarquizado, as festas dos "brancos", ou seja, da elite, ocorriam no interior dos palácios e teatros onde havia os bailes e saraus, enquanto que as festas dos "negros" e da massa popular em geral ocorriam na ruas escuras das cidades e nas senzalas das fazendas. O espaço físico dessas festas era estritamente demarcado. Somente aos dias de festa religiosa que vários grupos sociais convergiam em um mesmo espaço.

É fato que as comemorações cívicas também aconteciam nas ruas, entretanto, como podemos notar anteriormente, nessas ocasiões, o povo era antes espectador. Essa posição mais passiva da massa popular invertia-se na ocasião de procissões e festejos onde o público se transformava em parte integrante do cortejo: reis ou rainhas, em meio a enredos religiosos, contavam histórias desta terra, de sua população e de seu destino.

Em tais momentos, negros convertidos ao catolicismo acabavam se valendo das festas e procissão religiosas para criar elementos de identificação: aderem aos rituais católicos, mas, introduzem aspectos da cultura africana também. Para Schwarcz, "trazendo de longe a tradição das procissões, essas populações recriavam nas ruas seus antigos reinados". Além da mistura de camadas sociais, causava estranhamento à ostentação das

roupas e gestos, a sensualidade e a alegria. Supõe-se que, nesses locais, o "sentimento religioso ou cívico" passava ao largo e as comemorações se transformavam em pretexto para o exercício da sociabilidade"<sup>35</sup>.

Olhando por este prisma, podemos entender a importância da festa religiosa para os negros e a "necessidade" que eles possuem de fazer parte de uma associação religiosa (Irmandade); uma vez que esta lhes proporciona uma maior abertura na estratificação social, dando-lhes a ilusão de não estarem à margem da sociedade.

O inglês Henry Koster em sua obra *Viagens ao nordeste do Brasil* nos descreve a importância que o evento festa tinha para a população negra, uma vez que esta era um meio, se não o único, de lhes proporcionava uma "abertura" nos laços de sociabilidade:

Às vezes, da própria soma de dinheiro que o escravo habilidoso está reunindo para comprar sua liberdade, retira um pouco para a ornamentação de um Santo, para ser elemento de importância, como doador na associação em que figura. Os negros têm uma invocação da Virgem (eu quase diria, Uma Virgem) que lhes é particularmente votada. Nossa Senhora do Rosário é mesmo, algumas vezes, pintada com as faces e as mãos negras... Essas idéias mudam as lembranças dos costumes do seu país e o conduzem para o caminho de uma nova natureza, separando-o completamente das práticas de outrora<sup>36</sup>.

Segundo o autor, muitos escravos doavam às Irmandades parte do dinheiro que juntavam para comprar sua alforria, e a elas se ligavam a fim de obter maior prestígio social.

Outras festas como, por exemplo, a de Nossa Senhora do Rosário, eram promovidas pelos próprios negros, mas com a participação da população branca. As festas eram realizadas nas fazendas das províncias e as despesas para a realização da mesma são todas feitas pelos escravos da propriedade, sendo a festa inteiramente dirigida por eles apesar de

---

<sup>35</sup> SCHWARCZ. *As barbas do Imperador*, p.259.

<sup>36</sup> KOSTER. *Viagens ao nordeste do Brasil*, p.500.

contar com a participação da população branca como presenciou Koster numa propriedade em Pernambuco:

A festa, a que e« desejava assistir, era a de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros. As despesas que ocorrem são satisfeitas pelos escravos da propriedade, e a festa é inteiramente dirigida por eles. Três frades oficiariam no altar, mas os foguetes, fogos de vista e todos os outros artigos são providenciados pela comunidade escrava (...). Antes do início dos cânticos e orações da Capela, a gente preta estendeu muitas esteiras ao ar livre, e nosso povo foi se sentar para conversar ou comer bolos e doces, de todas as espécies, que estavam expostas à venda em quantidade enorme<sup>37</sup>.

Podemos notar através da frase de Koster: "... e nosso povo se foi sentar para conversar ou comer bolos e doces...", que esse "nosso povo" ao qual ele se refere é a população branca que mesmo participando da festa dos negros e compartilhando do mesmo espaço físico, mantêm-se separada em grupos distintamente sociais.

A participação negra sempre foi grande nas festas religiosas e se tornava ainda maior quando se tratava da padroeira deles, pois, era somente neste momento que o rei dos cristãos virava rei do Congo, e a Virgem Maria era reconhecida como Nossa Senhora do Rosário.

Segundo Mello Moraes era sua obra *Festas e tradições populares*: " Muitos africanos, ao chegar ao Brasil, convertidos pela força do sistema, abraçaram a religião católica e seus santos, mas mudaram nomes, feições e conteúdos"~~. Com efeito, assim como os negros eram convertidos ao catolicismo, o catolicismo era por eles modificado.

As procissões eram comuns já desde os tempos coloniais e mantiveram-se presentes durante o Império. Segundo JoséV Tinhorão Ramos) em seu livro *As festas no Brasil Colonial*: "A associação dos interesses real e religioso iria lançar no século XVIII uma

---

<sup>37</sup> Ibidem, p.298.

<sup>38</sup> MORAIS FILHO, Mello.. *Festas e tradições populares no Brasil*, p.47.

moderna forma de evento público, que valia por uma encenação espetacular de poder: o desfile sobre as rodas de alegoria barroca"<sup>39</sup>.

Podemos notar, através dessa afirmação de Tinhorão, a permanência desde os tempos coloniais até os do Império do uso da festa em forma de evento público ressaltando dentro da mesma a exuberância, os grandiosos espetáculos teatrais, fazendo valer assim, a afirmação de poder associados aos interesses reais e religiosos.

O sentido profundo dessa intenção de comover pelo esplendor da aparência desde os tempos coloniais é bem captado por Afonso Ávila em seu livro *Iniciação ao barroco mineiro*:

Ao lado do arraigado religiosismo do colonizador português e de seus descendentes brasileiros, concorria para o caráter monumental emprestado aos templos a própria orientação até então seguida pela Igreja Católica, que buscava enfatizar o poder temporal da religião através da forma e do brilho exterior do culto. Daí o aspecto espetacular que assumiriam as celebrações litúrgicas, quando toda a população das vilas mineiras parecia tomada de um êxtase ao mesmo tempo festivo e religioso<sup>40</sup>.

O monarca contava com as câmaras municipais para realizarem os festejos. Eram coagidas por lei a promoverem anualmente as celebrações mais importantes do calendário litúrgico, bem como casamentos, nascimentos e exéquias de membros da família real.

As exéquias, dado a sua extraordinariedade, dependiam para sua realização que o rei enviasse carta ao governador da capitania que, por sua vez, remetia-se às câmaras.

Amigo de Kidder, o reverendo Fletcher, chegou ao país em uma missão evangélica em 1851 e permaneceu até 1865. Fletcher teve a oportunidade de presenciar várias procissões no país e em 1883 presenciou a de "*Corpus Christf*" na cidade do Rio de

<sup>39</sup> TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil Colonial*, p. 105.

<sup>40</sup> ÁVILLA, Afonso. *Iniciação ao barroco mineiro*, p.134.



Janeiro. Segundo o autor, a procissão de "*Corpus Christi*" é diferente da maioria das outras, sendo a única imagem exposta a de São Jorge, "designado no calendário como o defensor do império". Seu relato nos revela uma preocupação por parte dos moradores da cidade com a ostentação de pompa e suntuosidade da procissão:

(...) o dia de "*Corpus Christi*", é celebrado com grande pompa, o seu festival, numa festa realizada de dia, e que dá volta de toda cidade (...) O imperador passa de cabeça descoberta, carregando uma tocha, nessa procissão, imitando a piedade de seus antepassados, seguindo pela corte, os cavalheiros e a Câmara Municipal em grande aparato, com suas insígnias e bordados. Onde quer que o imperador passe nessa ocasião, os moradores das ruas rivalizavam uns com os outros na ostentação de tapeçarias, de ricas sedas e damasco, penduradas nas janelas e balcões de suas residências<sup>41</sup>.

As procissões de *Corpus Christi* foi e permaneceu sempre no Brasil uma celebração concorrida. Pode ser percebida também como a tradução do quanto a igreja era parte importante da construção da sociabilidade e reforço de laços entre a população brasileira.

### 2.3. AS FESTAS PROFANAS

*observado estrangeiros*

Se o calendário oficial causava espanto, o que dizer dos rituais populares. Nesse caso estranhavam os viajantes o caráter misturado dos cultos, a afirmação de um catolicismo mulato. Essa mistura de pessoas, grupos e "raças" costumava chocar os estrangeiros que presenciavam tais cerimônias.

\*  
*Batuque  
justa mais  
religiosa*

Dentre as festas não religiosas, uma das que mais chamava atenção e também uma das mais difundidas é o batuque. Trata-se de uma dança que ocorria em ocasiões especiais como casamentos e coroações, e também em noites comuns. O batuque na visão dos estrangeiros era visto como uma dança lasciva e imoral. Comenta Câmara Cascudo, em

<sup>41</sup> FLETCHER, James Cooley e KIDDER, Daniel P. *O Brasil e os brasileiros*, 1941.

nota ao livro de Koster, a origem africana do ritual: "(...) As canções que acompanham estas danças lascivas são sempre imorais e até mesmo obscenas, era regra históricas de amores, descritas com a mais repelente e impudica nudez"<sup>42</sup>.

Notamos também nessa visão, que os estrangeiros consideravam o batuque como uma dança imoral. Nas obras relatadas por Seidler, o autor descreve um batuque realizado durante uma cerimônia de casamentos entre negros no Rio Grande do Sul, guardando o mesmo olhar crítico sobre o evento festivo;

Mal era meio-dia, surgiam os esperados hóspedes, na maioria negros e mulatos, em geral enfeitados de trapos multicores e toda espécie de bugigangas, além disso, trazendo máscaras negras, de papel, que aplicavam ao rosto, apenas com aberturas para os olhos e o nariz(...) Acompanhava a música um berreiro de alegria, muito pior que o de mil papagaios na floresta virgem brasileira e ameaçava romper-nos o, aliás, rijo tímpano do ouvido. Começou depois ao ar livre um baile, que regulava com a música e a cantoria. Imaginem-se as mais detestáveis contrações musculares, sem cadência, os mais inocentes requebros das pernas e braços seminus, os mais ousados saltos, as saias esvoaçantes, a mímica mais nojenta, em que se revelava a mais crua volúpia carnal — tal era a dança em que, desde o começo as graças se transmudavam em bacantes e fúrias<sup>43</sup>.

Dentre as festas não religiosas, além do batuque destacam-se também o entrudo e o carnaval. O carnaval brasileiro é hoje associado à mestiçagem: à música e à dança negra. Mas quando chegou ao Brasil, importado de Portugal, era principalmente uma festa das elites, que dançavam ao som de marchinhas e fandangos nos salões e teatros. Somente em 1855 é que o carnaval ganhou as ruas com os carros alegóricos do Congresso das Sumidades Carnavalescas. Apesar de ampliar seu espaço de realização dos salões e teatros para as ruas, este festejo não deixava de ser uma brincadeira mais organizada, intelectualizada e comandada do alto dos carros ou dos salões das grandes sociedades.

---

<sup>42</sup> CASCUDO, Lúcio de Almeida. *Dicionário do folclore brasileiro*, 1954.

<sup>43</sup> C. SEIDLER, op. cit., p. 416 In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*, 1998.

Faziam, parte do carnaval as grandes sociedades, formados por estudantes, artistas, jornalistas e letrados, marcadas pela condição mais elevada de seus participantes, diferenciados da plebe que se divertia nas ruas.

Também originário de Portugal, o entrudo por sua vez, era bem mais popular e anterior ao carnaval. O entrudo viveu seu apogeu entre 1854 e 1871, época onde foliões ganhavam as ruas fazendo da festa um feriado nacional. Apesar do tom crítico, Koster, parece ter se divertido com o entrudo e assim nos relata a festa:

Segundas e terças -feiras antes de Cinzas são os dias próprios para o Entrudo, mas o divertimento, como no caso vigente, pode começar uma semana antes do prazo. Água e pós para cabeio são os ingredientes indicados para lançarem uns aos outros, mas , frequentemente não guardam equilíbrio e tudo quanto se pode agarrar, esteja limpo ou sujo, é atirado, de todas as partes, para inocentes e culpados<sup>44</sup>.

Ao que tudo indica, a despeito das críticas dos viajantes e da proibição das autoridades, o entrudo mobilizava largas faixas da população que se dedicava ao "jogo", esquecendo momentaneamente diferenças sociais, etárias e sexuais. Mesmo com a proibição em 1854 no Rio de Janeiro, quando um: novo chefe de polícia pôs fim ao violento entrudo, seus combates e duchas, este continuou a ser realizado, porém, em menor escala.

Não há como não notar as diferenças sociais existentes entre o entrudo e o carnaval. Essa clivagem social é definida por Schwarcz como sendo: "...o primeiro mais individualista e anárquico, o segundo uma brincadeira elitista mais organizada, intelectualizada e comandada do alto dos carros ou dos salões das grandes sociedades"<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*, p.p.272.

<sup>45</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz *As barbas do imperador*, p.280.

## Considerações Finais:

Através de todas as análises que aqui empreendemos, pudemos observar a multiplicidade de manifestações festivas que marcaram o período Imperial.

As festas do Império brasileiro nos apresentam diferentes significados do viver social. Notamos que esses festejos apreendem várias funções e significados para os diversos segmentos sociais. Momento de diversão e controle da comunidade pelo Estado, as festas são também como um espelho das formas de governo e um hábil meio de diminuir tensões inerentes à diversidade étnica e às distinções sociais da Colônia e do Império.

Verificamos que a consolidação do Estado Imperial, difusor e implementador de uma ideário de progresso e civilização do país, impulsionou a constituição de políticas de controle por diferentes autoridades públicas que atuavam sobre a experiência social e sobre as manifestações festivas de maneira a procurar disciplinar grandes e pequenos detalhes da vida cotidiana. Por outro lado, variadas manifestações, medidas tolerantes, a ação e a apropriação pelos diferentes grupos sociais atestam continuamente os limites e a eficácia das práticas de controle.

A festa cumpre algumas funções e não pode ser vista apenas como um instrumento a ser utilizado por um segmento social ou pelo Estado para um determinado fim. A festa além desses componentes, diversão, controle e resistência, é marcada pelo onírico e faz parte da tentativa de criar um sentido para o viver humano. A festa possui uma multiplicidade de usos, intenções e sentidos. A festa é uma atividade social agradável e sendo agradável, é recordada na memória e antecipada na imaginação e tende, pois, a repetir-se no tempo. Não há dúvida de que a festa, seja qual for a forma que assume, está associada à fruição de um certo prazer.

A festa é também um momento de gratuidade, momento de alegrias e prazeres que muitas vezes escapa das mãos desse mesmo poder que se ostenta na festa.

Além do mais, como já foi dito, a festa possui uma dimensão onírica e lúdica; ela trabalha com emoções e, por mais que o historiador queira, ele nunca vai conseguir fazer com que o leitor experimente a efervescência daquele momento. Não é possível reconstruir o poder de fascínio que a festa exerce sobre a sociedade. O historiador pode, no máximo, diminuir o Mato que existe entre o narrado e o vivido, tentando tomar aquelas festas mais compreensíveis para nós.

Através dessa concepção, ao utilizarmos como fontes documentais relatos de viajantes estrangeiros que presenciaram as festas no Brasil do século XIX, temos que estar atentos para o fato de que se ganha, nas descrições das festas e perde-se na interpretação, ou menos em sua leitura no interior do universo cultural brasileiro. E, apesar de terem sido fontes fundamentais onde baseamos nossa análise sobre as manifestações festivas imperiais, há campos essenciais do mundo festivo, como o campo das emoções e dos afetos, que são difíceis de delinear e abordar; fazendo parte da dimensão dos sentimentos e portanto, categorias pouco racionalizáveis.

Ao colocar em linguagem inteligível, o "acontecer da festa", o historiador como que fossiliza seu objeto, acabando por perder muito de seu conteúdo emocional que é, no final das contas sua magia. Por isso, uma lição de Raul Girardet que nos consola:

Em sua vontade de conhecer e de compreender o desenrolar da aventura humana através do tempo, não é afinal inútil que ele [o historiador] se lembre de que há portas que não poderá jamais forçar, de que há limites que não poderá jamais transpor<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> GIRARDET, Raul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p.24.

## Referências Bibliográficas:

### 1. Fontes Primárias:

Editais da Câmara Municipal de Mariana, Miscelâneas, códice 740, s/d. Arquivo Público da Câmara Municipal de Mariana.

*Minas Geraes*. Ouro Preto, nº 58., ano VI, Terça-feira, 02/03/1897.

### 2. Viajantes e memorialistas:

FLETCHER, James Cooley e **KIDDER**, Daniel P. *O Brasil e os brasileiros*. São Paulo; Rio de Janeiro: PoA; Nacional, 1941.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil* ( Rio de Janeiro e Províncias de São Paulo), vol. III. São Paulo: Livraria Martins Ed., 1951.

KOSTER, Henry. *Viagem ao Nordeste do Brasil* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

MELO MORAIS FILHO. *Festas e Tradições populares no Brasil*, Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1978.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil* São Paulo: Martins, 1935.

WALSH, Robert. *Notícias do Brasil* [1828-1829], Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, s/d.

### 3. Artigos, Teses e Livros:

ABREU, Martha. *O Império do Divino* \_ Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História da Vida Privada no Brasil — Império: a corte e a modernidade nacional*, v.2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças Populares*. Festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Belo Horizonte. FAFÍCH/UFMG, 2000.
- ÁVILA, Afonso. *Iniciação ao barroco mineiro*. São Paulo: Nobel, 1984.
- BAKHTTN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem*. Rio de Janeiro: UFRJ; Relume-Dumará, 1996.
- CHAMOM, Caria S. *Festejos Imperiais — Festas Cívicas em Minas Gerais, 1815/1845*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 1996.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. "Você me conhece?" Significados do carnaval na belle époque carioca. *Projeto História*, São Paulo, PUC, n.13, jun.,1996.
- \_\_\_\_\_. Veneza, África, Babel: leituras republicanas, tradições coloniais e imagens do carnaval carioca. *Seminário Festas: cultura e sociabilidades na América Portuguesa*. São Paulo: USP/FFLCH, 06-11 de set. 1999.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo - sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.
- GIRARDET, Raul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HEERES, Jacques. *Festas de loucos e carnavais*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem - Escravos e Libertos em Minas Gerais no século XIX..* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- LEITE, Miriam L. Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio — Civilização e poder no Brasil às vésperas da independência (1808 a 1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NOVAIS, Fernando. *O Brasil nos quadros do antigo sistema colonial* IN: Motta, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em Perspectiva*. São Paulo: Difel, 1977.
- PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.
- PRIORE, Mary del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro - o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- REIS, José João. *Mudanças e Permanências da festa negra na Bahia Oitocentista. Seminário Festas. Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: USP/ FFLCH, 06-11 de setembro de 1999.
- SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *As Festas e a Representação do poder em Vila Rica. XII Encontro Regional de História - ANPUH: História e Política: Compromissos do Historiador*. Belo Horizonte: UFMG/FAFICFL, 24 A 28 de julho de 2000.



- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Viajantes em meio ao Império das festas: *Seminário Festas: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: USP/ FFIHX, 06-11 de set. 1999.
- \_\_\_\_\_ (Org) Introdução. In: RGQUETTE, I I. *Código do Bom-Tom*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *As Barbas do Imperador \_ D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVIA, Maria Beatriz Nizza da. A sociedade e suas diversões. In: *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.
- TINHORÃO, José Ramos. *As Festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora São Paulo, 2000.
- TORRES, João Camilo de Oliveira. *Histórias de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Difusão Pan-Americana do Livro, v.3 e 4, 1961.
- VALER1, V. Festa. *Enciclopédia Emwudi*, v.30 — Religião-Rito. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1994, p. 402-414.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História da Universidade

Federal de Ouro Preto, sendo avaliadores os professores:

Profa. Ms. Patrícia Vargas Lopes de Araújo  
Orientadora

Profa. Dra. Andréa Lisly Gonçalves

Profa. Dra. Helena Miranda Mollo